

Cidades campeãs da pecuária lideram desmatamento no país

 valor.globo.com/agronegocios/noticia/2022/09/23/campeoes-da-pecuaria-lideram-desmate.ghtml

Os cinco municípios brasileiros em que o **rebanho bovino** mais cresceu entre 2020 e 2021, todos na **Amazônia Legal**, responderam por quase um quinto (17%) de todo o **desmatamento** na região no ano passado.

Esses mesmos municípios registraram desmatamento de 222 mil hectares em 2021, de acordo com dados mais recentes do Prodes, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Essa área correspondeu a 17% de todo o desmate na Amazônia Legal no ano passado, de 1,3 milhão de hectares.

Em Marabá, onde o rebanho bovino mais cresceu em 2021, foram desmatados 7,4 mil hectares. Em Altamira, que teve o segundo maior crescimento no número de cabeças de gado, o desmatamento ocorreu em 76,5 mil hectares.



Rebanho bovino no Pará — Foto: Evandro Monteiro/Valor

São Félix do Xingu, que há anos lidera o rebanho bovino brasileiro, foi o terceiro município com o maior crescimento do rebanho, com acréscimo de 106 mil animais em 2021. Também no ano passado, o desmate no município chegou a 57,7 mil hectares.

Outro destaque foi Porto Velho, onde o rebanho ganhou 86 mil animais e foram desmatados 61,9 mil hectares. Novo Repartimento (PA) foi o quinto município que mais viu crescer seu rebanho no ano passado, com acréscimo de 82,6 mil cabeças. O desmatamento na cidade foi de 19 mil hectares.

A concentração do desmatamento nos municípios onde a pecuária mais avança ocorreu também em anos anteriores. Em 2020, os cinco municípios em que mais cresceu o número de cabeças de gado no país responderam por 14% do desmatamento da Amazônia Legal do período. Naquele ano, os municípios onde mais aumentou a quantidade de animais foram Novo Repartimento, Pacajá (PA), Marabá, Porto Velho e São Félix do Xingu.

“Nos [municípios] campeões de desmatamento, o gado está como companheiro da expansão da terra. É preciso aumentar o rebanho para estabelecer a posse da área. Então, a expansão [do rebanho] não é necessariamente algo que indica um aumento da relevância econômica da pecuária no Brasil. Muitas vezes está mais vinculada a um processo de grilagem de terra do que de produção de carne”, diz **Raoni Rajão**, professor da **UFMG** e pesquisador do pesquisador no **Wilson Center**, em Washington.

Grilagem e especulação

Esse processo de uso de gado para grilagem e especulação de terras está mais relacionado a áreas abertas recentemente, como em Novo Repartimento, observa **Lisandro Inakake de Souza**, coordenador de Cadeias Agropecuárias do **Imaflora**. Já em outros municípios, como Altamira, a ocupação é anterior e há frigoríficos em atividade, incluindo empresas que assinaram o TAC da Carne - que proíbe o frigorífico de comprar de fornecedores com ilegalidades.

Limpeza da cadeia

Há ainda frigoríficos sem TACs assinados nem compromisso voluntários para “limpar” suas cadeias e que hoje dão vazão ao gado associado a desmates recentes. “Hoje, o perigo que vivemos na Amazônia é o abandono por grandes empresas capitalizadas e exportadoras, porque a pressão para limpar a cadeia delas está cada vez maior”, diz Rajão. “Se é ruim hoje [rastrear o gado] com poucas empresas dominando a produção na Amazônia, imagina quando houver 40, ou 400. Como dialogar com elas e buscar compromissos?”

Para evitar o vazamento de gado para frigoríficos sem compliance, o coordenador do Imaflora defende que todos os Estados coloquem à disposição os dados de comercialização de animais em seus territórios para que, assim, o Ministério Público

Federal (MPF) aborde as empresas.

A pressão sobre os grandes frigoríficos, porém, já pode ter reflexos, avalia Rajão. “Os pecuaristas não percebem que a agroindústria está se reorganizando e que a Amazônia está se tornando cada vez mais tóxica para produção em escala. Quando perceberem, vão ter que vender bezerro por preços mais baixos”, disse.